

# Tempo de quarentena

*Maria da Glória S. Telles da Silva*

É bastante conhecida a frase enunciada por Freud, em setembro de 1909, ao avistar a estátua da liberdade, quando desembarcava em Nova York para suas *Cinco lições de Psicanálise*, na *Clark University* (Worcester, Massachusetts, EUA), por ocasião de seu vigésimo aniversário. Naquele momento, teria dito a Jung: *Eles não sabem que lhes estamos trazendo a peste*.<sup>1</sup> Nada como uma linda metáfora para dizer do seu desejo de que a psicanálise, por ele inventada, se espalhasse pelo *Novo Continente*!

E, quando não mais estamos diante de uma metáfora, mas da real ameaça de uma peste, alastrada pelos quatro cantos do globo, devastando vidas, planos e sonhos de grande parte da humanidade, quais os efeitos na subjetividade desse tempo que estamos vivendo? O que pensar quando um elemento ínfimo, invisível a olho nu, do qual não temos nenhum controle, mas que tem nome e sobrenome, torna-se o inimigo público número 1 e ameaça a toda a humanidade, espalhando o medo e colocando a morte real como centro de nossas ações e, principalmente, de nossa paralisia?

O que teria levado Freud a fazer essa aproximação da psicanálise com a peste?

E qual a diferença dessa peste, anunciada por Freud, como sinônimo da psicanálise, daquela que agora temos de enfrentar?

Creio que quando Freud faz a uso dessa metáfora, está se valendo de ao menos dois pontos relevantes presentes numa disseminação por peste: a de ser identificada pelos efeitos que produz, pois ambas não são objetos tangíveis, e a de ser contagiante, como expressão de desejo de que a psicanálise se alastrasse pelo mundo.

---

<sup>1</sup>LACAN, J. *La cosa freudiana o sentido del retorno a Freud en psicoanálisis*. In: *Escritos 1*. Siglo Veintiuno Editores, Argentina, 14 ed. 1988. (pg. 386)

Diria que considerando esses sentidos, por mais variações ou distorções que a psicanálise tenha adquirido ao longo desses mais de 100 anos de existência, Freud acertou em seu vaticínio.

Quanto às diferenças entre uma peste e a psicanálise é que quem transmite a psicanálise, este sim coloca uma intenção de que seu trabalho se propague e se espalhe o mais longe possível, efeito não desejável com relação a uma peste. Com relação à morte, presente como possibilidade quando se refere a uma doença e temida por significar o fim radical da vida, para a psicanálise, ela é antes de tudo um conceito estrutural que deve ser considerado para ajudar a construir a vida.

Freud nos alertou para o fato de que no inconsciente não há registro da própria morte, a do corpo biológico, enquanto fim absoluto da vida. Essa é um elemento do real e, por isso, impossível de ser contornada. Produz horror pensar nela e muitos escapam disso negando esse fato irremediável da vida e ao se descuidar, podem chegar mais cedo ao encontro dessa morte. Mas, enquanto um elemento simbólico que representa um limite, a finitude, a morte é de extremo valor para gerar e enriquecer a vida, pois é justo no limite, no reconhecimento que tudo não se pode, que se abre a possibilidade de nos tornarmos responsáveis pela vida que temos, cuidando e valorizando-a, já que cada momento vivido será único.

O mundo está em quarentena, ou seja, num compasso de espera e isolamento, aguardando que a solução para a retomada de uma *normalidade* seja apresentada por aqueles que, a rigor, detém o saber formal sobre a vida e a morte: a ciência.

Será que só nos resta aguardar o surgimento desta ‘solução’ para que cada um possa retomar a vida em suas mãos, e continuar vivendo-a ao seu modo, de acordo às suas condições e particularidades? Será que estamos completamente submetidos a um encarceramento que põe todos funcionando sob de um modelo uniforme, como uma única preocupação, e um único inimigo: um vírus potencialmente mortal?

Não temos alternativas?

Tudo o que tende a redução e simplificação do sentido da vida potencializa a mortificação do homem.

Estaremos reduzidos a um corpo que devemos preservar para que possamos continuar a ter vida?

É certo que, sem a vida, este bem maior, nada podemos fazer. Mas também, qual o valor de ter uma vida se reduzimos seu sentido à sobrevivência do corpo?

Como viver, então esse tempo de quarentena?

Talvez, mais uma vez, a peste anunciada por Freud possa fazer aí uma diferença.

A origem do termo quarentena, não é única. Segundo o dicionário Houaiss, vem do francês, *quarantaine*, quarenta (1180); onde o *isolamento de quarenta dias era imposto aos viajantes para evitar a disseminação de doenças contagiosas*<sup>2</sup> Já, segundo Leser et al., *o termo quarentena originou-se da prática medieval de manter sem comunicação nos portos em que arribavam, durante quarenta dias, os navios procedentes de determinadas áreas e sobretudo do oriente.*<sup>3</sup> E Santos e Nascimento, em artigo de revisão, reportam entre seus achados que *o valor de 40 dias atribuído ao nome da prática – quarentena – tem origem nos primórdios da prática de vacinação antivariólica na China Antiga. Segundo suas referências, observava-se que as crostas extraídas dos acometidos por varíola permaneciam infectantes por cerca de 40 dias e essa observação difundiu-se como práticas culturais as mais diversas, com objetivo de purificação ou contenção da propagação de doenças.*<sup>4</sup>

Portanto, essa prática remonta a antiguidade, sendo a função da quarentena, principalmente, obstaculizar a transmissão de algo, neste caso,

---

<sup>2</sup> Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 'quarenta', (ano 1180-1190) 'espaço de quarenta dias', (1200) 'quaresma', (1635); no italiano *quarantena*, em uso desde 1403, por determinação do governo de Veneza; 40 dias talvez por imitação da Quaresma; possivelmente, tratar-se-á de importação do fr., pois neste o vocábulo já aparece no séc. XII. *quarenta + ena*; ver *quatr-*; f.hist. sXIV *quarêtenas*, sXV *corementenas*, sXV *quoremtena*.

<sup>3</sup> LESER, Walter et al. *Elementos de epidemiologia geral*. RJ: Atheneu, 1985 p.144

<sup>4</sup> SANTOS, Iris Almeida; NASCIMENTO, Wanderson Flor. *As medidas de quarentena humana na saúde pública: aspectos bioéticos*. Revista - Centro Universitário São Camilo - 2014;8(2):174-185.

prioritariamente, o *vírus Sars cov 2*, mas não só. Outras transmissões também ficam sujeitas à interrupção por efeito dessa quarentena. Este termo, vigente até hoje, é uma metáfora usada para tudo o que se entende como devendo ficar num tempo de isolamento para não causar dano a um sistema maior. Portanto, quando o mundo é colocado em isolamento, uns dos outros, estamos barrando muito mais que a transmissão de um vírus, e a extensão dos benefícios e danos desse isolamento, do ponto de vista econômico, social e emocional, ainda são desconhecidos.

Estamos sendo sufocados por uma enxurrada de mensagens que nem sempre têm a ver com a verdade dos fatos. Elas inundam nossas vidas, exigindo ainda mais da capacidade de cada um de filtrar e avaliar tanto no que se deve confiar como no que está apenas a serviço de nos manter reféns do medo de viver.

Quais os efeitos disso em nossa subjetividade?

Em nosso trabalho na clínica psicanalítica, testemunhamos, diariamente, a angústia e o sofrimento das pessoas que se sentem esvaziadas no desejo de viver, buscando respostas a esse vazio e essa falta de sentido de suas vidas, produzindo diferentes sintomas que muitas vezes paralisam e ameaçam sua existência. Como tentativa de enfrentar esse vazio, muitas vezes as pessoas são levadas ao consumo crescente de objetos que só fazem ampliar ainda mais essa impotência do *nada saber do que deseja*. Esses objetos, no mais das vezes, são definidos pelo apelo social do consumir, ao invés de reconhecidos como derivados das idiossincrasias de suas próprias marcas, fruto de seu desejo.

Quando uma pessoa se dispõe a uma análise, abre a possibilidade do reconhecimento dessa particularidade que o impulsiona em suas motivações e desmotivações pela vida, oportunizando o encontro de uma forma singular de saber fazer e viver com as marcas que sua história lhe proporcionou.

Por isso, um processo de análise demanda investimento e é sempre um desafio. Mas, quando somos interrompidos no curso que estávamos vivendo e levados a apenas agir e pensar num inimigo supremo, maior que todos os

demais problemas que temos de enfrentar, porque este inimigo coloca em *cheque-mate* a vida ou a morte, fazendo com que o deslocamento e condensação dos conflitos se reúnam em um só ponto, um vírus, isso traz um desafio ainda maior para o trabalho psicanalítico.

Como fazer para que a transmissão da psicanálise siga ativa em tempos de pandemia?

Não há uma fórmula única, que se possa generalizar. Esta é mais uma contingência a ser incluída no trabalho que realizamos, e cabe a cada analista encontrar a forma mais propícia de sustentar seu trabalho, segundo sua leitura do modo particular com que cada analisante suporta esse tempo de restrições, sem ignorar que as questões singulares da vida seguem ali, produzindo efeitos. Seguir dando importância a elas é também uma ação fundamental nesse tempo de quarentena, visando não sucumbir aos efeitos da paralisia e perdas, impostas pela pandemia.